

Nossa, essa peça ainda agrada, hein? O Circo-
Teatro Guaraciaba e o melodrama ...E o céu uniu
dois corações

Daniele Pimenta e Daniel Marques da Silva *

* Daniele Pimenta, de família circense, é atriz, diretora e diretora musical da Cia. PICNIC de Teatro. Doutora pela UNICAMP e Mestre pela USP. Professora de teatro na UFU - Universidade Federal de Uberlândia. Avenida João Naves de Ávila, 2121, Bairro Santa Mônica - Uberlândia - MG CEP: 38408-144. E-mail: daniellepimenta@ciapicinic.com.br

Daniel Marques da Silva, diretor teatral, é Doutor e Mestre pela UNIRIO e Pós-Doutor em Artes pela UNESP. Professor do Curso de Direção Teatral da Escola de Comunicações e no PPGAC da UFRJ. Av. Pasteur, 250 - Praia Vermelha, Rio de Janeiro - RJ, 22290-240. E-mail: danielmarquesdasilva04@gmail.com

Resumo |

O verbo “agradar”, tão importante no universo do circo e presente no vocabulário cotidiano circense, é negligenciado ou mesmo esquecido em outras práticas artísticas cênicas. Para discussão sobre o conceito de agradar, este artigo, escrito de maneira conjunta, se vale de uma análise teórica a partir de referências bibliográficas e, ainda, de dois relatos pessoais acerca do espetáculo *...E o céu uniu dois corações*, de Antenor Pimenta, apresentado pelo Circo-Teatro Guaraciaba, primeiro em outubro de 2015 e, após, em maio de 2017.

Palavras-chave: Circo-teatro. Melodrama circense. Agradar. Antenor Pimenta. Circo-Teatro Guaraciaba.

Abstract |

The verb “to please”, so important in the circus universe and present in the daily vocabulary of the circus, is neglected or even forgotten in other scenic artistic practices. In order to discuss the concept of pleasing, this article, jointly written, presents a theoretical analysis from bibliographic references and also two personal statements about the show *...E o céu uniu dois corações (...And heavens have joined two hearts together)*, by Antenor Pimenta, presented by Guaraciaba Circus-Theater, each regarding a different recital (the first in October, 2015; the second in May, 2017).

Keywords: Circus-theater. Circus melodrama. To please. Antenor Pimenta. Circo-Teatro Guaraciaba

O conceito de agradar está presente no vocabulário do circense e daqueles que se debruçam sobre esta prática artística. Agradar ou não agradar ao “respeitável público” é uma importante questão para os artistas da lona, pois desta expressão depende a manutenção de uma *gag*, de um número e de um profissional na companhia. Este conceito, tão importante e tão corriqueiro no universo do circo, infelizmente, é negligenciado ou mesmo esquecido em outras práticas artísticas cênicas que também estabelecem relações imediatas com seus fruidores de modo diverso do que ocorre na literatura, na música ou nas artes visuais.

Para explanação e discussão do conceito de agradar, o presente artigo, escrito de maneira conjunta, se vale de dois relatos pessoais, quase memorialísticos, a respeito do espetáculo *...E o céu uniu dois corações*, clássico melodrama do repertório do circo brasileiro, escrito por Antenor Pimenta e apresentado pelo Circo-Teatro Guaraciaba, tradicional companhia de circo-teatro, sediada em Sorocaba, no estado de São Paulo. Os relatos, que aqui se apresentarão, tratam de duas récitas distintas, separadas por quase dois anos de diferença. O primeiro deles, feito pela pesquisadora Daniele Pimenta que discorre sobre uma apresentação ocorrida em 24 de outubro de 2015, no Teatro Arthur Azevedo, na cidade de São Paulo. O relato seguinte, feito pelo pesquisador Daniel Marques da Silva, o qual registra um espetáculo do dia 07 de maio de 2017, no Teatro Ziembinski, na cidade do Rio de Janeiro. Ressalta-se que em ambos, fica evidente como o conceito de agradar é parte intrínseca da prática artística circense. Ao longo do texto iremos, ainda, propor discussões, inserir questões, dar informações, de modo mais organizado e sistemático, pontuando a cinzenta linha da memória com a escrita acadêmica. Assim, o texto será orientado e organizado tanto pela narração pessoal como pela árida matéria da reflexão.

Antenor Pimenta, o autor

Ator, poeta, dramaturgo, ensaiador, empresário circense e inventor, Antenor Pimenta (1914-1994) trabalhou como tipógrafo desde a adolescência, habituando-se à leitura e às noites em claro. Ele, em um jornal diário da cidade de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, montava, entre outras, a sessão de crônicas e poesias.

Após alguns anos, a rotina de trabalho deixou sua saúde abalada e Antenor, então redator do jornal e já casado, em 1938, parte com sua esposa Jacyra para uma temporada de descanso no Circo-Teatro Rosário, de Guarim Gonçalves, por recomendação de seu irmão Arlindo Pimenta, que já era circense.

A estadia deixa de ser temporária e passa a ser opção de vida, pois Antenor interessa-se por diferentes atividades no circo: aprende a desempenhar funções administrativas; aceita o desafio de entrar em cena em pequenos papéis e acompanha os trabalhos de ensaio e de produção dos espetáculos. O resultado disso é que, em poucos anos, Antenor torna-se um profissional circense com várias especialidades e, após uma tentativa de sociedade em outra companhia (quando chega a vez de Guarim descansar, em 1947), Antenor compra o circo do amigo, tornando-se também empresário circense.

Após dez anos como proprietário circense, Antenor fixa residência em Ribeirão Preto, para acompanhar o estudo dos filhos, e passa a escrever e atuar em programas de rádio. No entanto, volta ao circo em 1960, como sócio de seu sobrinho Tabajara Pimenta, em uma nova configuração do Rosário, sem a parte teatral, o Gran Rosário Circus, mas para de viajar definitivamente em 1964.

No campo da cena, Antenor ainda experimenta o cinema, atuando em pequenas participações ao lado de Mazzaropi, e volta a escrever para o teatro. “Parado” em Ribeirão, como dizem os circenses, Antenor

pode dedicar-se a outra de suas paixões: como inventor, Antenor tinha cerca de 3.000 patentes requeridas até falecer, em 1994.

... E o céu uniu dois corações, o melodrama circense

Primeira peça de Antenor Pimenta, *...E o céu uniu dois corações*, foi escrita em 1942, quando trabalhava no Circo-Teatro Rosário.

Antenor afirmava ter escrito 14 peças, entre adaptações e textos originais. Porém, nos depoimentos e na documentação analisada, pudemos levantar apenas os títulos de nove peças: *Sempre em meu coração*, *De amor também se morre*, *Se eu fora Rei*, *Mensagem*, *...E o céu uniu dois corações*, *Heróis de Monte Castelo*, *O riso do palhaço*, *Brasil, Campeão do Mundo ou Um campeão de futebol*, *Realidade* (PIMENTA, 2005, p. 143).

Segundo registros da SBAT *...E o céu uniu dois corações* é um dos textos mais montados do Brasil, sendo parte obrigatória no repertório das companhias de circo-teatro, além de ser encenado por grupos amadores e profissionais de fora do universo circense.

...E o céu é um texto que traz elementos claros do melodrama em sua estrutura e na construção de personagens. Da pureza de valores da ingênua à torpeza absoluta do vilão; da fragilidade de uma avó cega à comicidade física e verbal dos personagens caricatos, por assim compor-se a obra ainda nos apresenta situações de injustiça, perseguição, separação dos jovens apaixonados, prisão, amizades sinceras, cartas reveladoras e assassinatos.

O texto também se encaixa no modelo da dramática rigorosa, apesar de ter sido escrito, segundo o autor, de forma praticamente

intuitiva, sem embasamento em estudos de dramaturgia. Analisando o manuscrito original, observa-se que a obra, ainda que tenha sido desenvolvida sem referencial teórico, é resultado de um processo de escrita minuciosamente trabalhado: há anotações, cortes, alterações, pesquisa de palavras e experimentações perceptíveis ao longo de todo o texto.

A estrutura em cinco atos acompanha o desenvolvimento da trama a partir do encadeamento de conflitos e das transições de local e de época.

Sintetizando os espaços, épocas e conflitos de cada ato são:

Primeiro ato: passa-se no bar de Velasco, com Neli ainda criança. O industrial Perdinari é morto por De La Torre e Fernando é preso injustamente.

Segundo ato: na casa de Neli, 11 anos depois. Apresentação da situação de Neli e Alberto que, apaixonados, teriam que enfrentar De La Torre para poderem se casar.

Terceiro ato: casa de De La Torre, cinco meses depois. Torre calunia Neli, induzindo Alberto a comprometer-se a casar com Adélia, filha do rico Benevides.

Quarto ato: cena na rua, em frente à igreja, alguns meses depois. Alberto volta de Portugal, Juca arma um plano para prender Torre e Francisco, esses temem ser desmascarados e Francisco apunhala Neli.

Quinto ato: casa de Neli, no dia seguinte. Fernando é solto, D. Santa volta da cirurgia e Alberto chega para o confronto com Torre. Só agora sabem da morte de Neli. Torre é preso, Francisco atira em Alberto. Alberto e Neli encontram-se no céu (PIMENTA, 2005, p. 145-146).

A obra atende às exigências da formação dos elencos circenses – tradicionalmente compostos por atores especializados em determinados papéis– e corresponde às exigências do público circense dos anos de ouro do circo-teatro brasileiro; este, um público ávido por emoções intensas, surpresas, suspense, muitas risadas e outro tanto de lágrimas que, sem as facilidades da televisão e da *internet*, saía de casa para ver espetáculos “feitos por nossa família para a sua família!”.

Circo-Teatro Guaraciaba, a companhia

Inaugurado em 1946, no paulistano bairro de Jaçanã – que ficaria famoso cerca de vinte anos mais tarde, devido ao samba de Adoniran Barbosa, *Trem das Onze* – idealizado por Antônio Malhone, o palhaço Pirolito, e por Adalberto Fernandes; o Circo-Teatro Guaraciaba ¹, acabou se tornando referência em sua área de atuação.

Antonio Malhone, mesmo com apenas 24 anos, era responsável por uma das maiores organizações de circo-teatro da época. Ganhou prestígio e respeito, não só pela logística (equipamentos, montagem, frota, figurinos, adereços cênicos), mas também pela maneira rígida, metódica e quase insuportável de conduzir seus espetáculos (*Circo-Teatro Guaraciaba 70 anos* – programa da excursão comemorativa, s/d).

A lona do Circo-Teatro Guaraciaba percorreu, sobretudo, o estado de São Paulo, montando comédias e dramas. Mas, nas décadas de 1960 e 1970, como forma de atrair um maior público, em expediente

1 Informações presentes no site Circonteúdo, disponível em <http://www.circonteudo.com.br/index.php?option=com_content&id=2458:circo-teatro-guaraciaba&Itemid=505>, acesso em 14 de junho de 2017.

também utilizado em outros circos pelo país, era comum ver no picadeiro do circo artistas de rádio, cinema e televisão, tais como Mazzaropi, a dupla caipira Tônico e Tinoco, Luiz Gonzaga e, até mesmo, Sílvio Santos e Roberto Carlos.

A companhia fixou-se em Sorocaba, em 1963, atuando nos bairros da cidade e em outros municípios da região, permanecendo em atividade até meados da década de 1980. Por iniciativa da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, em 1995, a companhia retoma suas atividades, armando sua lona em um terreno nos fundos da Biblioteca Infantil Municipal de Sorocaba, onde lá permanece até hoje:

"Ali é a nossa casa", diz a artista [Guaraciaba Malhone], que compõe a velha-guarda da trupe ao lado dos veteranos Hudi Rocha, Ediméia Rocha e Iracema Cavalcante. A forte relação afetiva do grupo com aquele espaço começou com o projeto *Revivendo o Circo*, idealizado pelo diretor da biblioteca José Rubens Incao, que foi o embrião de um movimento de resgate do circo-teatro na cidade, até então adormecido desde a década de 1980. Em 2005, o Grupo Manto de Teatro convidou a velha-guarda do Guaraciaba para remontar o espetáculo *E o céu uniu dois corações*, marcando a retomada efetiva do grupo².

Guaraciaba Malhone, filha dos fundadores do circo, afirma, na reportagem acima, que é uma grande alegria poder celebrar os setenta anos da companhia em uma turnê, apresentando-se com um elenco composto por veteranos, jovens artistas e membros das famílias Malhone, Cavalcante e Rocha.

2 Jornal Cruzeiro do Sul, disponível em <<http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/782923/circo-guaraciaba-celebra-70-anos-com-turne;-sorocaba-esta-na-rota>>, acesso em 22/05/2017)

O projeto para a referida turnê foi contemplado com o Prêmio Funarte Carequinha de Estímulo ao Circo, em sua edição do ano de 2015. Nele, constavam os espetáculos *...E o céu uniu dois corações*, clássico melodrama circense, de Antenor Pimenta, *A escrava Isaura*, outro melodrama recorrente no repertório dos circos-teatro, baseado no romance de Bernardo de Guimarães, e *Avental todo sujo de ovo*, de Marcos Barbosa, dramaturgo cearense radicado na capital paulista. Porém, em decorrência de questões burocráticas relacionadas ao repasse da verba do prêmio, a viagem da companhia em comemoração aos setenta anos de sua fundação somente ocorreu somente em 2017, na qual percorreu as cidades de Amparo, em São Paulo, Itajubá, em Minas Gerais e Rio de Janeiro, capital fluminense. Do projeto, ainda constavam apresentações em Sorocaba, cidade sede do circo. Destaca-se que todos os espetáculos desta temporada comemorativa tiveram entrada franca.

Relato de Daniele Pimenta

Assisti ao espetáculo em uma encenação feita pelo Circo-Teatro Guaraciaba, em comemoração aos 70 anos da companhia, em 2015. Confesso que não conhecia o Guaraciaba, até que Alexandre Malhone procurou-me, em 2014, para pedir os direitos do texto para esse projeto comemorativo.

Não é raro que me procurem para tratar dos direitos da peça, desde que o texto foi publicado em meu livro sobre a vida de Antenor Pimenta (2005), mas a verdade é que não sou detentora dos direitos e, então, coloquei-me à disposição para intermediar o contato entre Alexandre e Helton Pimenta, filho de Antenor.

Alexandre, então, me convidou para dar uma palestra sobre Antenor Pimenta, atividade que seria incorporada ao projeto

comemorativo e que, a princípio, aconteceria em Sorocaba ou Votorantim, cidades nas quais os integrantes do Guaraciaba moram atualmente.

Alguns meses depois, fui informada de que o projeto tinha sido contemplado no edital em que foi inscrito e que, como algumas apresentações seriam feitas na cidade de São Paulo, minha fala aconteceria na capital. Sugeri que o encontro acontecesse no Centro de Memória do Circo, durante o dia, e agendamos a palestra para a tarde de 23 de outubro de 2015, uma sexta-feira.

Nesse dia, fui acompanhada por meu pai, Tabajara Pimenta, uma figura constante nos eventos do Centro de Memória do Circo, onde sempre reencontra amigos de muitas décadas!

No encontro, conheci os atores da velha-guarda ainda em atividade no Circo-Teatro Guaraciaba, que são Guaraciaba Malhone – filha do fundador do Circo-Teatro Guaraciaba -, Iracema Cavalcante, Edimeia Rocha e Hudi Rocha.

O encontro teve um primeiro período de acolhimento, antes do horário divulgado ao público, em que fui recebida com muito carinho pelos veteranos artistas, e durante o qual meu pai pode fazer conexões com seu passado, lembrando de pessoas do Circo-Teatro Guaraciaba, com quem conviveu na juventude, em uma conversa que me ajudou a situar no tempo a trajetória do Guaraciaba, a partir das referências que tenho desde as pesquisas para meus trabalhos acadêmicos.

Já durante a palestra, os artistas sentaram-se junto ao público e, em uma atitude de extrema generosidade, ouviram-me falar sobre circo-teatro por duas horas, como se eu pudesse acrescentar algo que eles já não soubessem. Logo eu, que me pauto pelos relatos de pessoas como eles, que realmente viveram tudo aquilo que tanto me encanta, como pessoa e como pesquisadora.

Ao final de minha exposição, eles se juntaram a mim compartilhando histórias da convivência com Antenor e outras lembranças da época da itinerância com o circo, às quais o público, pequeno, jovem e muito interessado, ouviu e continuaria ouvindo, não fosse o avançado da hora, pois Guaraciaba, Iracema, Hudi e Edimeia já eram aguardados no teatro para a apresentação daquela noite.

No dia seguinte, finalmente, fui assistir ao espetáculo³, em sua segunda sessão na capital, acompanhada, além de meu pai, por meu marido, minha filha e minha enteada.

Sentei-me ao lado de meu pai e pudemos apreciar o trabalho dos já queridos artistas da “velha-guarda do Guaraciaba” que, agora, dividiam a cena com atores mais jovens.

No encontro da tarde anterior, Iracema, que é viúva de Vioblaque Cavalcante, detalhou que seu marido fora assistente de Antenor Pimenta no Circo-Teatro Rosário e passava noites em claro ao lado do autor, datilografando enquanto acompanhava o processo de refinamento da escrita, na criação ou no ajuste dos textos ditados por Antenor.

Esse contato, além da experiência prática nas encenações, fez com que Vioblaque levasse ao Circo-Teatro Guaraciaba uma perspectiva teatral bastante próxima à de Antenor, pois o autor era também ensaiador do Circo-Teatro Rosário e, portanto, Vioblaque acompanhou o trabalho de Antenor tanto na escrita quanto na condução da montagem.

3 Ficha técnica do espetáculo (2015) – elenco: Guaraciaba Malhone, Hudi Rocha, Iracema Cavalcante, Ediméia Rocha, Alexandre Miranda, Gabriela Cau, Renato Gomes, Geisa Helena, Felipe Dias, Alexandre Malhone, Raul Trindade, Mário Pérsico, Bianca Tavares, Stê Fernandes, Benê d’ Souza, Stefânia Mendes, Luciana Malhone; direção: Mário Pérsico; assistência de direção: Alexandre Malhone; cenografia: Adriano Gianolla; figurinos: Luciana Malhone; iluminação: Bruno d’ Oliveira; operação de som e luz: Sttefânia Mendes, Geisa Helena, Bianca Tavares; assessoria de Imprensa: Beatriz Nunes; vídeo: Leandro Almeida; fotografia: Rafael Côvre; design gráfico: Lauren Giraldi; produção executiva: Stefânia Mendes; produção: Geisa Helena; realização: Circo-Teatro Guaraciaba.

O espetáculo a que assisti foi concebido e realizado com base nas encenações tradicionais da companhia, mantendo aspectos como linguagem, técnica e estética das montagens originais, repassados ao diretor Mario Pérsico, experiente ator, diretor e professor de teatro de Sorocaba, que se mantém em diálogo constante com os atores mais velhos da companhia.

Mas (que surpresa!) havia na encenação um elemento novo, em relação ao texto original: a inclusão de cenas criadas a partir de trechos da biografia de Antenor Pimenta, extraídos do meu livro.

As cenas, criadas para prólogo e entreatos, trazem ao público momentos de reflexão e de questionamentos de Antenor, transformadas em diálogos entre o autor, em sua juventude, e uma personagem fictícia, amiga e conselheira, mais madura, interpretada por Iracema Cavalcante.

Iracema, por justiça poética, desempenhava agora o papel que seu marido tantas vezes cumpriu ao lado de Antenor, como parceiro de longas conversas noite adentro.

Como assisti ao espetáculo ao lado de meu pai, Tabajara Pimenta, hoje com 80 anos, que cresceu no circo, foi artista e empresário, tendo sido sócio de Antenor por alguns anos, pude observar, ao longo da apresentação, como ele se manifestou várias vezes, comentando momentos de tensão ou de relaxamento e comparando-os às cenas dirigidas por Antenor no Circo-Teatro Rosário.

Um aspecto que chamou a atenção nesses comentários foi a percepção das atuações cômicas, que, muitas vezes, remeteram às cenas originais, fosse por algum gesto ou marcação, fosse pelo tempo cômico ou mesmo pelo tom empregado em alguma frase de efeito. Comentários como “meu pai também fazia assim”⁴, ou “essa sempre

4 Tabajara é filho de Graciana Pimenta, atriz, e Arlindo Pimenta, palhaço e ator, irmão de Antenor.

funcionava”, referindo-se a alguma gag, foram recorrentes e feitas com entusiasmo crescente, assim como a emoção expressa nos momentos mais delicados ou densos.

A satisfação de Tabajara se completava e crescia ao perceber que o público compartilhava suas reações, sorrindo, rindo e indo às lágrimas enquanto ele, com cumplicidade orgulhosa, sussurrava: “Nossa, essa peça ainda agrada, hein?!”.

E o espetáculo agrada, em parte, pelo texto propriamente dito, em parte pelo desempenho do elenco, afinado, apesar das diferenças na trajetória de formação dos atores.

Os jovens atores, estudantes de Sorocaba e região, transitam com desenvoltura em cena junto aos artistas com décadas de experiência circense. A escuta, as pausas, as marcações, os olhares, os gestos, compõem um trabalho coeso, no qual os atores mais experientes balizam o ritmo e o tom de cada cena.

Assim, o espetáculo tempera-se com a doçura de Guaraciaba Malhone, no papel de D. Santa; a energia e sensatez de Iracema Cavalcante, provocando e estimulando as inquietações de Antenor nos entreatos; além da vivacidade dos cômicos Hudi Rocha, Edimeia Rocha, Alexandre Malhone e Geisa Helena.

No que concerne à comicidade, Hudi e Edimeia trazem a bagagem dos tempos áureos do circo-teatro e dos anos de atividade em shows de humor em Sorocaba. Hudi, conhecido também como Fedegoso, é tão respeitado entre palhaços que foi consultor de Paulo José e Selton Mello, para as filmagens de O Palhaço.

Geisa e Alexandre – este, filho de Guaraciaba Malhone –, agregam à companhia a experiência com novos meios de produção adquirida com o trabalho em sua Trupe Koskowiski, atentos aos editais públicos e aos circuitos culturais, que possibilitam o desenvolvimento e a

sustentação de projetos como a temporada em comemoração aos setenta anos da companhia.

A experiência com o Circo-Teatro Guaraciaba tem me instigado desde o encontro no Centro de Memória do Circo. Penso na importância do trabalho de Alexandre e Geisa para a continuidade do Guaraciaba; tenho tentado divulgar o trabalho da companhia e procuro incentivar parceiros de pesquisa a conhecer a velha-guarda da companhia.

Tento imaginar o que sentem e pensam os atores da velha-guarda quando se preparam para entrar em cena hoje e relembro algumas entrevistas que fiz com artistas da mesma geração: a nostalgia, o orgulho, os textos, vívidos, brotando na memória... Assistir ao espetáculo do Circo-Teatro Guaraciaba coloriu cenas que eu nem sabia que estavam em preto e branco na minha imaginação.

Parte da intensidade dessa experiência se deve à percepção do efeito do espetáculo sobre o público. A sessão era gratuita, a casa estava lotada e a plateia variada – de casais de meia idade a famílias com crianças, passando por turmas de adolescentes de escolas da região.

Temí pelo elenco, imaginando que os adolescentes não se interessariam pelo espetáculo e atrapalhariam seu andamento, mas fui surpreendida, logo no início da apresentação, por uma audiência silenciosa e concentrada. Creio que o prólogo não só me surpreendeu, como instaurou um ambiente de expectativa sobre o que viria a seguir.

Aos poucos, minha tensão foi se dissipando e fui me envolvendo com a apresentação: o texto ouvido claramente, as pausas na medida certa guiando a respiração do público, as risadas a cada inserção cômica, os olhares de cumplicidade de meu pai. O espetáculo agradava!

Entendi que agradar vai além da perspectiva da vaidade, além do orgulho do artista circense que, sim, é grande. Sempre que ouvia dos

entrevistados que o número de alguém agradava, percebia um tom de relatividade, como se “agradar” fosse um diferencial, um elemento de distinção em relação aos outros números ou atuações que não agradavam tanto. Parecia-me que “agradar” era um requisito para qualificar os desempenhos, e eu não pensava tanto no que poderia realmente significar do ponto de vista da recepção.

Não sei como foram as outras sessões da temporada comemorativa, nem as apresentações da temporada atual, mas aquele espetáculo foi revelador.

Alguns elementos da cena continuaram a despontar em minha mente com o passar do tempo: a simplicidade da cenografia clássica circense de telões pintados; a generosidade da velha-guarda no compartilhamento de sua experiência com o elenco jovem; o tratamento dado aos extremos expressivos das atuações; a delicadeza de D. Guaraciaba, como Dona Santa, e o desempenho energético e cativante de Alexandre, como Juca.

Assim, a encenação do Circo-Teatro Guaraciaba consegue contemplar os talentos de seus atores, dosando emoções e gargalhadas nos momentos certos, seja: transformando o dono do bar em dona, para aproveitar a veia cômica de Edimeia Rocha; deixando Hudi Rocha e Geisa Helena à vontade para o jogo de cena delicioso de pai e filha portugueses; equilibrando densidade e leveza nas atuações dos atores de diferentes gerações, contracenando com Guaraciaba e Iracema; seja garantindo que a experiência de Alexandre Malhone como palhaço transborde quando pode, transpareça ou se apague, na medida certa, em diferentes momentos ao longo do espetáculo. Por tudo isso, mais as lágrimas no rosto de meu pai ao final do espetáculo, é que acredito que, sim, o ...E céu uniu dois corações do Circo-Teatro Guaraciaba agrada.

Relato de Daniel Marques da Silva

Numa fria noite de domingo, fui assistir ao Guaraciaba. Era o encerramento da temporada carioca e eu não havia conseguido ir aos outros dois espetáculos. Mas, ainda assim, estava muito curioso, pois veria ...E o céu uniu dois corações⁵. O melodrama é quase uma lenda entre os pesquisadores de circo-teatro e, apesar de já ter lido o texto, eu ainda não havia assistido a nenhuma montagem.

Fomos, com muita expectativa, minha mulher e eu, ao Teatro Ziembinski. Lá encontramos Paulo Merisio, outro pesquisador de melodrama, todos mobilizados em assistir a uma companhia que é referência no circo-teatro. Assim, ver o elenco do Guaraciaba em uma montagem do melodrama de Antenor Pimenta seria, talvez, encontrar com a mais rica tradição desta especial manifestação do universo circense brasileiro. Imagens passavam por minha cabeça. Lembrei-me de Benjamim de Oliveira, o palhaço negro, que, se não inventou este gênero, foi um de seus principais consolidadores, cujos textos teatrais foram objeto de minha tese. Lembrei-me de outra noite em que ouvimos a pesquisadora Daniele Pimenta falar sobre esta mesma montagem que assistiríamos. Lembrei-me do melodrama que assisti no Circo de Teatro do Tubinho, em outra noite fria, em Itapetininga, interior paulista, a lona lotada de espectadores a se emocionarem com a história do pai que rejeita seu filho por ser excepcional. Na ocasião, tentei manter a objetividade do pesquisador frente ao seu objeto, mas, findo o primeiro ato, em emocionante cena em que a mãe do menino

5 Ficha técnica do espetáculo (2017) – elenco: Guaraciaba Malhone, Hudi Rocha, Ediméia Rocha, Alexandre Miranda, Gabriela Cau, Júlio Melo, Alexandre Malhone, Geisa Helena, Felipe Dias, Luciana Malhone, Lucélia Reis, Hércules Soares, Benê d’Souza, Gui Martelli, Giovanna Poiato; direção: Mário Pérsico; assistência de direção: Alexandre Malhone; cenografia: Richard Godoy; figurinos: Luciana Malhone; operação de som e de luz: Davis Carvalho, Sttefânia Mendes, Geisa Helena e Lucélia Reis; vídeo: Leanddro Almeida; fotografia: Fábio Eloi; design gráfico: Lauren Giraldi; produção executiva: Sttefânia Mendes; produção: Geisa Helena, Alexandre Malhone; realização: Circo-Teatro Guaraciaba e ADC Produções.

clama pela intervenção de Nossa Senhora para que o pai aceite a condição do filho, meus olhos marejaram, bem como os de toda a assistência.

Essas imagens se embaralhavam em minha memória.

Na longa fila para a entrada no teatro, encontrei com duas estudantes do curso de Direção Teatral da ECO-UFRJ, onde leciono. Fiquei pensando como elas reagiriam ao espetáculo. A fila, aliás, estava cheia de adolescentes e jovens, que me levaram a pensamentos de igual teor.

A plateia se acomodou e o espetáculo começou com uma cena que não consta do texto original, na qual Antenor Pimenta, personificado pelo ator Filipe Dias, conversa com uma assistente do circo, a atriz Luciana Malhone – que depois soube era filha de Guaraciaba Malhone, integrando, portanto, a nova geração de circenses –, enquanto escreve seu texto, que viria a ser o melodrama ...E o céu uniu dois corações. Durante todo o espetáculo, foram utilizadas cenas em que o jovem Antenor Pimenta conversa com Rosa, sua assistente, como entreatos. Nestas, são apresentados ao público não somente passagens romaneadas da vida do autor, como suas concepções da cena do circo-teatro. Na hora lembrei que conhecia algumas das informações ali expostas. Pensei: “Deve ser do livro da Daniele Pimenta.”

Após esta pequena cena introdutória, as cortinas se abriram para o primeiro ato da peça. O cenário da taberna do velho surdo – na montagem, o personagem foi transformado em mulher, para ser defendido por uma veterana do Guaraciaba, a atriz Ediméia Rocha – seguia a tradição do circo-teatro: um telão de fundo, com as paredes e prateleiras com bebidas pintadas. O vilão aparece e, em conversa com seu comparsa, apresenta ao público a trama inicial da peça. Já aqui várias convenções do gênero aparecem, como o cinismo do vilão, a subserviência do cúmplice, a trama que gira em torno de um crime, a triste história de alguns dos personagens principais. O vilão De La

Torre, em atuação de Alexandre Miranda, introduz uma espécie de bordão, com o qual, em diversos momentos do espetáculo, termina suas falas: “Está tudo indo maravilhosamente bem!” Nesse primeiro ato, o público também assistiu a atuação da atriz Guaraciaba Malhone, no papel de Dona Santa, a avó cega da menina Neli. Era evidente seu domínio sobre o papel e saboroso assistir ao contraste entre sua composição de avó chorosa devido à sua condição, e o da outra atriz da velha guarda, Ediméia Rocha, fazendo o tipo da velha surda. A potência vocal das duas também se destacava, indicando a destreza profissional de atrizes que aprenderam seu ofício numa época em que não havia tecnologias de sonorização sofisticadas. Ouvindo a voz das duas, me lembrei de um esquete que assistira com Dedé Santana sendo escada para o palhaço Tubinho. A mesma potência vocal em artistas circenses que já passaram dos setenta anos de vida...

No segundo ato, ambientado em uma pobre casa onde moram Dona Santa e Neli, a técnica do telão de fundo pintado apareceu outra vez na cenografia.

A cena se abre com Dona Santa relatando para uma jovem amiga de Neli, Marli – em atuação da competente atriz Lucélia Reis, que eu conhecera no elenco do Tubinho –, os infortúnios pelos quais as duas, avó e neta, haviam passado nos últimos onze anos. Neste ato, apareceram três dos mais significativos personagens da trama: a mocinha Neli; Alberto, o jovem galã; e Juca, o cômico do melodrama. Na montagem, Juca foi desempenhado de modo brilhante por Alexandre Malhone, cuja marcante composição do gago atrapalhado conquistou imediatamente a plateia, e cada aparição sua no transcorrer do espetáculo já era precedida por risadas.

No terceiro ato, cuja ação se passou em uma festa na casa do vilão, o público acompanhou os ardis deste, De La Torre, para afastar o casal de enamorados e tomar a fortuna do jovem Alberto, herdeiro do industrial italiano Perdinari, assassinado no primeiro ato da peça (e

cuja culpa pelo homicídio recaiu sobre Fernando, pai de Neli). Desta vez, os espectadores acompanharam o desempenho de mais um ator da velha guarda do circo, Hudi Rocha, compondo o rico português Benevides. Este personagem e o personagem de sua filha trazem o elemento cômico para a cena, devido ao sotaque e à exploração pelo texto dos equívocos provocados pela diferença de linguagem. Os dois cômicos, o veterano Hudi Rocha e a jovem Geisa Helena, cativaram a assistência, demonstrando grande conhecimento dos mecanismos de atuação cômica, como habilidade corporal e vocal para expressões exageradas e ridículas e tempo de comédia. Impagável a cena em que o velho português Benevides se encontra com o adolescente gago Juca; nela, os atores conseguiram fazer render muito, para satisfação dos presentes.

No quarto ato, já próximo ao desenlace da trama, pudemos observar uma cena em que a versatilidade do cômico Alexandre Malhone revela competência na transição do caráter cômico ao caráter melodramático em sua composição de Juca, em expediente recorrente dentre os artistas que se dedicam ao circo-teatro. Os espectadores passam do relaxamento cômico à tensão dramática da cena e, outra vez, ao relaxamento cômico, com a competente condução dos climas sendo operada pelo ator.

A reação da plateia durante o quinto (e último) ato e na apoteose do espetáculo revelou que a trupe do Guaraciaba soube agradar.

Dias depois, perguntei a uma das estudantes que assistira ao melodrama circense o que ela achava. A avaliação da diretora em formação Júlia Munhoz de Carvalho é reveladora: “Curti sim... No início estava estranhando tudo, os atores, o cenário. Mas, depois, eu vi que era assim mesmo. Que era para ser daquele jeito que eles estavam fazendo mesmo. Aí eu curti...” Se pensarmos que curtir pode ser um sinônimo em gíria atual para agradar, será que jovens circenses se perguntam entre si se a plateia “curtiu a cena”?

Agradar, o conceito

As questões relativas à compreensão do conceito de agradar não devem ser levantadas com o uso apenas de material bibliográfico, sendo esta a primeira conclusão a que chegamos ao redigir o presente artigo. Insistimos que, nem mesmo somente a apresentação de entrevistas com circenses elucidaria estas questões. Foi necessário que víssemos os espetáculos, nos sentássemos com o público, ríssemos e nos emocionássemos com os espectadores; percebêssemos sua “respiração” suspensa nos momentos melodramáticos e aliviada nas distensões cômicas.

Nas apresentações do Guaraciaba que assistimos – cada um dos autores deste artigo em temporadas diferentes, em espaços distintos e com elencos distintos –, percebemos que “agradar” é uma relação que se estabelece entre público e elenco, entre espectadores e artistas, quase como uma espécie de simbiose em que cada uma das partes é beneficiária da relação, sendo a plateia consorte da companhia circense. No entanto, ambas as instâncias nutrem-se dessa relação, que se propaga durante e após o espetáculo. Ainda, ambas as instâncias têm noção de que o trabalho ali desenvolvido foi realizado com comprometimento. E ambas as instâncias se sentem respeitadas por isso.

É importante salientar ainda, a respeito das duas récitas assistidas, que neste universo relacionado às artes circenses e ao melodrama, o espetáculo “agrada”; pois foi baseado em toda a longa tradição da teatralidade circense. Cabe, portanto, salientar que a combinação entre artistas da velha guarda com atores mais jovens resultou em um espetáculo coerente, porque os mais jovens compreenderam a linguagem proposta para o trabalho, de forma a

adequarem sua atuação a esta. Assim, as opções da encenação foram baseadas na poética própria do melodrama circense, seja na escolha do elenco, na qual a distribuição de personagens baseou-se em aspectos de compleição física tanto quanto de personalidade ou temperamento (com os papéis compatíveis com a idade e perfil dos atores); seja nos aspectos visuais do espetáculo, com a opção do telão pintado ao fundo, dos figurinos característicos dos tipos – a capa do vilão, o vestido branco da mocinha, o vestido vermelho da caricata. A opção poética da direção em respeitar a linguagem do melodrama circense indica não um respeito exagerado à tradição, sacralizando-a, mas a argúcia em compreender que certas escolhas - baseadas em anos de conhecimento empírico da teatralidade circense e experimentadas à vista do público - irão proporcionar os efeitos desejados.

Antenor Pimenta frisava em suas declarações a importância da construção adequada das personagens, enfatizando o controle técnico na atuação e a consistência na abordagem do texto, delimitando claramente as fronteiras entre personagens cômicos e sérios. Exceção feita ao *bobo* Juca que, eminentemente cômico, é fundamental no desenvolvimento da trama, atingindo momentos de tensão e transitando do cômico ao melodramático nos dois últimos atos.

Analisando algumas versões do texto de Antenor Pimenta, encontradas em manuscritos e publicações, é possível perceber as diferentes abordagens cênicas feitas por companhias circenses distintas, pois, como os textos, usualmente, eram transmitidos de modo oral por artistas que migravam de uma companhia para outra, é apropriado supor que a memória incluísse detalhes de direção, cortes e acréscimos específicos das diferentes montagens. Assim sendo, tais mudanças resultam na alteração na proporção entre cenas cômicas e sérias, priorizando as primeiras, seja pela ampliação das partes cômicas, com a inserção de *gags* e *cacos*, seja pela redução de trechos sérios, com cortes ou versões resumidas de algumas cenas, de modo a atender a um perfil de público que responde mais à comicidade.

Antenor Pimenta preocupava-se em agradar ao público de sua época, considerando importante preservar aspectos moralizantes das relações estabelecidas em cena, de forma a garantir a presença das famílias em seus espetáculos, sem restrições. Ao mesmo tempo, desenvolvia cenas cômicas para contraponto, tanto como alívio na fruição da peça (como é próprio da estrutura melodramática), quanto para atender ao gosto do público de forma ampla. Para tanto, chama a atenção em *...E o céu uniu dois corações* o quanto o personagem Juca é central nesse entrelaçamento entre aspectos densos e cômicos e o quanto o autor é bem-sucedido em sua intenção de agradar ao público, pois o personagem cômico mais marcante e cativante é justamente quem desata os nós do conflito.

Portanto, o respeito e a compreensão desse legado resultaram em uma montagem que agrada. Como disse o veterano Tabajara Pimenta, algumas *gags* sempre funcionam. Ou, ainda, como afirmou a jovem estudante de Direção Teatral, que assistiu à apresentação carioca, aquilo que lhe parecera não usual era, de fato, a poética melodramática.

Assim, compreender a poética melodramática faz com que se compreenda porque tal *gag* funciona, porque ela agrada. O preconceito na análise do universo da teatralidade circense, do qual faz parte o conceito de agradar, é o que afasta a honesta apreciação acadêmica deste. Jean Marie Thomasseau, em obra que é referência para o estudo do melodrama, afirma que este foi mal compreendido desde o início por uma intelectualidade que insiste em “julgar as obras teatrais com o apoio único em critérios de estilo literário” (THOMASSEAU, 2005).

Adiante, o estudioso francês, insistindo em denunciar este equívoco, salienta:

[...] o quão ultrapassados são os métodos tradicionais da história teatral que se ocupam tão somente com o que se costuma chamar de obra-prima, deixando na

sombra todas as outras produções, sem se interrogar sobre esta noção fluida e subjetiva de obra-prima ou sobre a maneira através da qual a posteridade as fabrica (THOMASSEAU, 2005, p. 10).

Ainda, a prática artística do circo moderno sempre se estabeleceu em dois parâmetros que podem ser considerados complementares. O primeiro é a condição inerente à criação desta atividade como arte, mas, também como empreendimento comercial. O segundo, envolve seu caráter de composição, de reorganização de números, de artistas etc., que se configura em permeabilidade para adequar e readequar o espetáculo, de acordo com as condições existentes, as técnicas e a capacidade dos membros da companhia, e, sobretudo, o gosto do público. Como afirma a pesquisadora Maria Thereza Vargas (1981): “Essa aceitação indiscriminada da realidade do público integra a filosofia da arte circense”.

A aceitação está vinculada, portanto, ao aspecto empresarial do circo. Dependente de maneira exclusiva da bilheteria – posto que as políticas públicas de fomento ao circo são muito recentes – o circense compreende que tem de se relacionar com seu público, atender às suas demandas, e, por isso, ele desenvolve estratégias de anuência e regulação destas demandas, possibilitadas pelo caráter de composição de sua arte.

As informações que vêm de fora e a perspicácia para captar as preferências do público são fatores fundamentais para as companhias circenses. A sobrevivência dos circenses depende exclusivamente do espetáculo e de sua aceitação na cidade ou vila. Por uma questão de sobrevivência, o repertório está sempre se adequando aos indicativos captados com o público (BOLOGNESI, 2003).

Agradar é, portanto, condição necessária e conformadora de uma arte que se reinventa, que se reorganiza, para, então, permanecer. Por estar sempre em constante movimento cíclico, por não temer partidas e chegadas – e o itinerário entre elas –, o circo se abre ao seu público e... agrada!

Referências |

A TRUPE KOSKOWISCK. Disponível em:

http://trupekoskowisck.com.br/?page_id=23. Acesso em: 26 mai. 2017.

BIBLIOTECA INFANTIL É PARTE DA HISTÓRIA DE SOROCABA.

Disponível em:

<https://brunaemy.wordpress.com/2016/11/28/biblioteca-infantil-e-parte-da-historia-de-sorocaba/>. Acesso em: 26 mai. 2017.

BOLOGNESI, M. F. **Palhaços**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CAVALCANTE, I. P. **A vida maravilhosa nos circos-teatros**. Sorocaba, SP: Loja de Ideias, 2011.

CIRCO GUARACIABA CELEBRA 70 ANOS COM TURNÊ; SOROCABA ESTÁ NA ROTA. Disponível em:

<http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/782923/circo-guaraciaba-celebra-70-anos-com-turne;-sorocaba-esta-na-rota> . Acesso em: 22 mai. 2017.

CIRCO TEATRO GUARACIBA. Disponível em:

http://www.circonteudo.com.br/index.php?option=com_content&id=2458:circo-teatro-guaraciaba&Itemid=505. Acesso em: 14 jun. 2017.

CIRCO-TEATRO GUARACIABA, 70 anos. Programa da temporada 2017.

CIRCO TEATRO GUARACIBA 70 anos. Disponível em:

<https://www.facebook.com/circoteatroguaraciaba/?fref=nf>. Acesso em: 19 jun. 2017.

MERISIO, P. O Circo-teatro. In: FARIA, J. R. (org.). **História do Teatro Brasileiro**, vol. 2. São Paulo: Perspectiva/Edições SESC-SP, 2013. p. 433-446.

PIMENTA, D. **Antenor Pimenta: Circo e Poesia – a vida do autor de ...E o céu uniu dois corações**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Fundação Padre Anchieta, 2005.

RESPEITÁVEL PÚBLICO: FAVOR NÃO ESQUECER DO LENCINHO.

Disponível em:

<http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/498636/respeitavel-publico-favor-nao-esquecer-do-lencinho> . Acesso em: 12 jun. 2017.

SILVA, D. M. O palhaço negro que dançou a chula para o Marechal de Ferro. In: **Sala Preta**. N° 6, ECA-USP, São Paulo, 2006. p. 55-63.

_____. Do moleque Bejo ao Mestre de Gerações. In: **Repertório: teatro&dança**. N° 15, PPGAC-UFBA, Salvador, dez. 2012. p.: 131-136.

THOMASSEAU, J.-M. **O melodrama**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

VARGAS, M. T. **Circo: espetáculo de periferia**. São Paulo: IDART, 1981.